

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

SUMÁRIO

1- A EDUCAÇÃO GREGA

A Educação Grega, ou a formação do homem grego durante o período clássico, deveu-se muito à poesia épica atribuída a Homero.

A Grécia Antiga também era conhecida pelo nome de **Hélade**, isto é, o conjunto de cidades-estado que se desenvolveu entre os séculos VIII e V a.C, às margens do Mar Egeu, em regiões como a Ática, a Península do Peloponeso e a Anatólia (hoje extremo Oeste da Turquia). Cada pólis – cidade – possuía autonomia nos processos de organização política, socioeconômica e cultural, incluindo a forma de educação dos cidadãos. Entretanto, um fator permeou a estrutura da educação em todas essas cidades-estado: a poesia épica de **Homero**.

Até os nossos dias, especialistas em história e literatura antiga ainda especulam a respeito da existência do poeta Homero, que possui alguns traços de personagem mítica – era um poeta cego que teria compilado e dado ordem a um manancial de narrativas orais do chamado “**Período Pré-Homérico**”. Apesar de ter sido uma pessoa real ou um personagem criado por outros poetas, o fato é que os longos poemas *Ilíada* (que trata da guerra travada entre gregos e troianos”) e *Odisseia* (que narra a volta para casa de um dos heróis gregos que combateram em Troia, Ulisses), atribuídos a Homero, foram fundamentais para a formação do homem grego.

Tanto atenienses quanto tebanos ou espartanos tinham uma forma de **educação aristocrática**, isto é, as pessoas eram educadas a partir do modelo dos heróis das narrativas homéricas, para deles imitar as virtudes que tornariam o homem o melhor possível. Entre essas virtudes, estavam a coragem, a prudência e a astúcia. Além disso, as narrativas homéricas, lidas em grupo, proporcionavam aos jovens estudantes uma grande capacidade de compreensão da língua grega clássica, bem como do ritmo dos versos, o que facilitava a comunicação em todas as atividades, como na política, na guerra etc.

Um dos principais estudiosos da cultura antiga, **Werner Jaeger**, deixa claro em sua obra *Paideia – a educação do homem grego*, a centralidade que tinha a poesia homérica na educação helênica, apontando a sua influência em grandes figuras do Período Clássico, como **Platão** e **Píndaro**:

O desenvolvimento das formas espirituais da educação homérica da nobreza, através de Píndaro e até a filosofia de Platão, é absolutamente orgânico, permanente e necessário. Não é uma 'evolução' no sentido seminaturalista que a investigação história costuma empregar, mas um desenvolvimento essencial de uma forma original do espírito grego, que, na sua estrutura fundamental, permanece idêntico a si próprio através de todas as fases da sua história. [1]

Havia uma simbiose entre as instâncias pedagógica, ética e estética na educação grega. Os estudos dos poemas épicos de Homero tinham como função introduzir essa relação mútua naqueles que entrassem em contato com eles. Prossegue Jaeger:

[...] a importância educadora de Homero é evidentemente mais vasta. Não se limita à formulação expressa de problemas pedagógicos nem a algumas passagens que aspirem a produzir um determinado efeito moral. A poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única. Ao lado de fragmentos relativamente recentes que revelam um interesse pedagógico expresso, aparecem outras passagens nas quais o interesse pelos objetos descritos afasta a possibilidade de pensar uma segunda intenção moral do poeta.

É claro que, de cidade para cidade, muitos aspectos pedagógicos eram divergentes (como a negação de uma formação educacional completa às mulheres, no caso de **Atenas**, e a sua permissão, no caso de **Esparta**). Entretanto, a influência de Homero era notável em todas elas.

2- A EDUCAÇÃO EM ROMA

A **Educação na Roma Antiga** progrediu de um sistema de educação informal e familiar, no início da república, para um sistema baseado em aulas pagas durante o dominato e o império.^[1] O sistema de ensino era baseado no sistema grego - e muitos dos professores particulares no sistema romano eram escravos ou libertos gregos. Devido à extensão do poder de Roma, a metodologia e o currículo utilizado na educação romana era reproduzido em suas províncias, estabelecendo, assim, a base para os sistemas de educação em toda a civilização ocidental posterior. A educação organizada era relativamente rara, e há poucas fontes primárias ou relatos do processo educativo romano até o século II. Devido ao extenso poder exercido pelo paterfamilias sobre as famílias romanas, o nível e a qualidade da educação oferecida às crianças romanas variava drasticamente de família para família; no entanto, a moralidade popular romana sugeria eventualmente que os pais dessem prioridade mais à educação de seus filhos que de suas filhas, e até certo ponto, uma educação avançada e completa era esperada de qualquer romano que desejasse entrar na política.^[2]

As escolas romanas eram raramente um edifício individual, mas comumente a extensão de uma loja, separada do público por uma simples cortina. Mais tarde, melhores locais foram disponibilizados para essas escolas, por exemplo, Júlio César e Trajano destinaram vários locais de seus fóruns para esta finalidade.^[3] A aprendizagem nas escolas romanas era baseada no medo. Os meninos eram espancados por qualquer ofensa, conforme uma crença que existia que um menino aprenderia corretamente e com precisão um ensinamento se ele temesse ser açoitado, se ele fizesse alguma coisa errada. Para os alunos que continuavam a errar, algumas escolas tinham a política de imobilizar alunos por meio de dois escravos, enquanto seu tutor os espancavam com um chicote de couro ou uma férula.^[4] As escolas eram nitidamente democráticas por estarem abertas a todas as classes, com cobrança de taxas muito baixas. Considerando a disciplina e o tratamento dos alunos, não era feita qualquer distinção entre os filhos dos mais humildes e aqueles das famílias mais ricas.

Educação durante o Império



'Um professor com três discípulos (Discipuli)' (180-185 AD) Relevô no museu de Pushkin, Moscou.

No auge da República Romana e, posteriormente, no Império Romano, o sistema educacional encontrou gradualmente sua forma final. As escolas, no aspecto formal, foram estabelecidas e serviam a alunos que pagavam valores simbólicos, podendo-se dizer que se tratava de uma educação pública e gratuita. A educação era oferecida a meninos e meninas, embora não necessariamente juntos.^[6]

Após várias conquistas militares no Oriente grego^[nt 1], os romanos adaptaram uma série de preceitos educacionais gregos ao seu próprio incipiente sistema. Estudantes romanos foram ensinados (especialmente no nível elementar) no mesmo estilo dos estudantes gregos, às vezes por escravos gregos que tinham uma inclinação para educação.^[7] Mas as diferenças entre os sistemas gregos e romanos emergem nos níveis mais altos de educação. Estudantes romanos que desejavam buscar os mais altos níveis de educação iam à Grécia para estudar filosofia, enquanto o sistema romano voltava-se para o ensino do discurso, lei e compostura (*Gravitas*). O educador Quintiliano reconheceu a importância de se iniciar a educação o mais cedo possível, observando que:

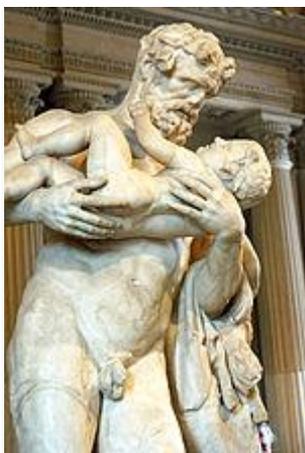
" *A memória ... não só existe mesmo em criancinhas, mas é especialmente retentiva nessa idade* " Quintiliano "Quintilian on Education", traduzido por William M. Smail (1966).

Um estudante romano avançaria nas escolas, assim como um estudante de hoje podem ir do ensino básico ao ensino secundário, em seguida, para a faculdade, e, finalmente, para universidade. O adiantamento escolar dependia mais da capacidade

do que a idade,^[6] com grande ênfase sendo colocada sobre a engenhosidade ou "dom" inato de um aluno para o aprendizado,^[8] e uma ênfase mais tácita, sobre a capacidade do aluno de pagar por uma educação de nível superior.

Influências

Antes do século III a.C. o sistema romano de educação estava intimamente ligada à instituição romana de *patres familias* (pai de família), segundo a qual o pai, como chefe da família, teve, de acordo com a lei, direito absoluto de controle sobre seus filhos.^[9] Não foi até 272 a.C., com a captura de Tarento, a anexação da Sicília em 241 a.C., e o período posterior à primeira guerra Púnica que os romanos foram expostos a uma forte influência do pensamento grego e estilo de vida e encontraram tempo para estudar as artes.



Sileno carregando Baco, Sileno, o companheiro e tutor do deus do vinho (Dionísio)

Um dos cativos gregos de Tarento, Lívio Andrônico, foi vendido como escravo e usado como tutor para os filhos de um nobre da família gente Lúvia.^[10] Depois de obter sua liberdade, ele continuou a viver em Roma e se tornou o primeiro professor (tutor privado) a seguir métodos gregos de educação e logo depois, traduziria a Odisseia^[11] ^[12] de Homero em verso latino na medida saturniana^[nt 2].

Conforme Roma crescia em tamanho e em poder, após as guerras Púnicas, a importância da família como a unidade central na sociedade romana começou a deteriorar-se,^[13] e com este declínio, o velho sistema romano de educação realizado pelo *paterfamilias* também se deteriorou. O novo sistema de ensino começou a se

aproximar dos modelos gregos e helênicos tais como o de Alexandria. Roma estava se tornando um sistema educacional literário.^[14]

A situação dos gregos era ideal para a fundação da educação literária pois eles eram os possuidores dos grandes trabalhos de Homero, Hesíodo e as obras dos poetas líricos da Grécia Arcaica. A ausência de um método literário de educação na vida romana era devido ao fato de que Roma era desprovida de qualquer literatura nacional. As artes militares eram tudo o que Roma podia se dar ao luxo de colocar tempo estudando. Quando não estavam travando guerra, os romanos dedicaram esse tempo à agricultura. A preocupação de Roma era a sobrevivência, seja por meio da defesa ou do domínio. Não foi até o aparecimento de Ênio (239-169 a.C.), o pai da poesia romana, que qualquer tipo de literatura nacional veio a tona.^[15] Apesar dos romanos adotarem muitos aspectos da educação grega, duas áreas em particular eram vistas como não importante: música e atletismo. Música para os gregos foi fundamental para seu sistema educacional e ligado diretamente à paideia grega. O "mousikê"^[nt 3] abrangia todas as áreas supervisionadas pela musas, comparáveis às artes liberais de hoje.^[16] A área que muitos romanos consideravam sem importância equivale a nossa definição moderna de estudo de música. Para os gregos, a capacidade de tocar um instrumento era a marca de um homem educado e civilizado, e através de uma educação em todas as áreas da "mousikê" pensava-se que a alma poderia tornar-se mais moderada e cultivada. Desta opinião, os romanos não compartilhavam, mas, no entanto, eles adotaram uma área de "mousikê": a literatura grega. O atletismo, para os gregos, era o meio para a obtenção de um corpo saudável e bonito, que era um fim por si só e ainda promovia mais o amor grego pela competição. Os romanos, apesar de não compartilharem dessa posição também acreditavam que o atletismo era apenas um meio para se manter bons soldados.

Isso ilustra uma das diferenças centrais entre as duas culturas^[17] e sua opinião sobre a educação: a de que a beleza grega ou uma atividade pode ser um fim em si mesma, e a prática dessa atividade trouxe benefícios por consequência. Os romanos, por outro lado, eram mais favoráveis a um pensamento prático quando se tratava do que devia ser ensinado a seus filhos. Para eles, ao que parece, uma área de estudo era boa apenas na medida em que servia a um propósito maior ou a fim determinado fora dela mesma.^[18]

Níveis de escolaridade

O fundamento de educação grega antiga era um sistema eficaz de educação formal, mas, em contrapartida, os romanos não tinham um sistema desse tipo até o século III a.C.. No século II a.C., as escolas começaram a surgir em Roma. Elas eram muito pequenas e se resumiam geralmente apenas ao espaço de um quarto. Além da leitura e a escrita, as crianças eram ensinadas aritmética elementar e outras matérias.^[19] A base da educação romana antiga era, acima de tudo, em casa e dada pela família, a partir do qual as crianças recebiam a chamada "educação moral".^[20] Embora as fontes literárias e documentais façam intercâmbio dos vários títulos^[Int 4] para um professor, um édito de preços emitido por Diocleciano em 301 estabelece que distinções de fato existiram e que, pelo menos em teoria, o professor teve de definir-se usando um dos títulos.^[21]

Educação moral



Relevo na sepultura de uma família romana no museu romano em Enns

Enquanto os meninos gregos recebiam principalmente a sua educação da comunidade, os primeiros e principais educadores de uma criança romana eram quase sempre os seus pais. Os pais ensinavam os filhos as qualificações necessárias para viver no início da república, que incluíram técnicas agrícolas, domésticas e militares, bem como as responsabilidades morais e civis que se esperavam deles como cidadãos. A educação romana foi realizada quase exclusivamente no agregado familiar sob a direção do paterfamilias.^[20] Da tradição paterfamilias, ou mais alto membro masculino da família, um estudante geralmente aprendia "*apenas suficiente leitura, escrita e aritmética para capacitá-lo a entender as simples transações comerciais e contar, pesar e medir*".^[22] Homens como Catão, o velho, aderiram a essa tradição romana e levaram seu papel de professores muito a sério. Catão não só se

esforçou para fazer de seus filhos bons cidadãos e romanos responsáveis, mas *"ele foi seu professor de leitura (de seu filho), seu professor de direito, o seu treinador de atletismo. Ele ensinou seu filho, não só a arremessar um dardo, lutar com armadura e cavalgar, mas também ensinou box, suportar o calor e o frio, e nadar prolongadamente"*.^[23]

Formação profissional também foi enfatizada, e os meninos adquiriam uma valiosa experiência através de estágios profissionais. As mães, no entanto, não podem ser negligenciadas por seus papéis como educadoras morais e construtoras do caráter de seus filhos. Cornélia Africana, a mãe de Gracos,^[24] é até creditada como uma das principais causas da renomada eloquência de seu filho.^{[25][26]}

Talvez o mais importante papel dos pais na educação de seus filhos foi para incutir-lhes um respeito pela tradição e uma compreensão firme de "Pietas" e devoção ao dever.^[27] Para um menino, isso significava devoção à Roma, e para uma menina, a devoção a seu marido e sua família. À medida que a república romana passa a ter uma educação mais formal que vai além do ensino básico, os pais começaram a contratar professores para ensinar neste nível avançado de formação acadêmica. Para isso, "os romanos começaram a trazer escravos gregos a Roma" para enriquecer ainda mais o potencial e o conhecimento de seus filhos; mas ainda os romanos sempre defendiam a tradição da *pietas* e o ideal do pai como professor de seu filho.^[20]

Ludo



Reprodução de uma antiga tabuleta de cera romana com três estiletes

Roma como uma república ou um império nunca instituiu uma forma de ensino fundamental patrocinada pelo Estado.^[28] Em nenhum estágio da sua história Roma exigiu legalmente que seu povo fosse educado em qualquer nível.^[29] Era típico para crianças romanas de famílias ricas receberem a educação infantil de tutores particulares. No entanto, era comum para as crianças de meios mais humildes serem

instruídas em uma escola primária, tradicionalmente conhecida como o nome de "ludo literário (em latim: *ludus litterarius*"). Um instrutor em tal escola era muitas vezes conhecido com o respeitável título de literador (*litterator*) ou literato (*litteratus*).^[30] Não havia nada que impedia um literador de criar sua própria escola, não obstante seu salário irrisório. Nunca existiu qualquer lugar pré-estabelecido um ludo literário. Elas poderiam ser encontradas em uma variedade de lugares, que podia ser uma residência privada, um ginásio, ou até mesmo a própria rua.

Normalmente, o ensino fundamental no mundo romano focava as necessidades do dia a dia, a leitura e a escrita. Os alunos progrediam a partir da leitura e escrita de letras, silabas, listas de palavras e, eventualmente, por meio da memorização e ditado de textos.^[29] A maioria dos textos utilizados na educação romana eram retirados da literatura, predominantemente da poesia.^[28] Era esperado que os estudantes romanos trabalhassem por conta própria. Dava-se pouca importância a uma classe de alunos como uma unidade coesa, exemplificada no fato de os alunos se movimentarem muito ao longo de todo o dia. Os jovens estudantes romanos não enfrentavam exames formais ou testes. O desempenho do aluno era medido por meio de exercícios corrigidos ou aplaudidos pelo tutor com base no desempenho. Isso criava uma sensação inevitável de competição entre os estudantes. Usando um sistema educacional competitivo, os romanos desenvolveram uma forma de controle social que permitia manter a estabilidade das elites. Isto somado aos óbvios custos monetários, impediu a maioria dos estudantes romanos de avançar para níveis mais elevados de educação.

Gramático



O Professor Punido,

Entre nove e doze anos de idade, meninos de famílias abastadas podiam abandonar seu literador e começar a estudar com um gramático (em latim: *grammaticus*), que aprimorava a escrita e as habilidades de oratória de seus alunos, treinando-os na arte de análise poética e ensinando-lhes grego se ainda não dominassem o idioma.^[22] A essa altura, os meninos de classe inferiores já estariam trabalhando como aprendizes, e as meninas ricas ou pobres, estariam focadas em tornarem-se noivas atraentes e, posteriormente, boas mães.^[31] As atividades diárias incluíam palestras dadas pelo gramático (*Enarratio*), assim como a leitura expressiva (*lectio*) e análise de poesia (*partitio*).^[6] O currículo era inteiramente bilíngue, pois era esperado que os estudantes soubessem ler e falar a língua grega, bem como o latim. A avaliação do desempenho do aluno era feita no local sem nenhuma regra educacional oficial, seguindo-se apenas as normas particulares estabelecidas pelo seu gramático, dado que nenhuma fonte sobre educação romana menciona outro tipo de avaliação a ser efetuado.^[32] Em vez de uma avaliação ditada pelo governo romano, os alunos faziam um exercício, o resultado era apresentado pelo tutor que se apresentava como "guardião da língua".^[33]

Famosos gramáticos incluem Lúcio Orbílio Pupilo, que é apresentado como um pedagogo que não teve medo de açoitar ou chicotear seus alunos para fazê-los aprender.^[22] Marco Vérrio Flaco, que ganhou o patronato imperial devido a sua prática incomum de colocar os alunos de idades e habilidades similares uns contra os outros e premiar o vencedor, geralmente com um antigo livro de certa raridade.^[29]

Mesmo no auge de sua carreira, Vérrio Flaco, cujo prestígio lhe permitiu cobrar taxas enormes e ser contratado por Augusto para ensinar seus netos (Caio César e Lúcio César), nunca teve uma sala de aula própria.^[34] Em vez disso, ele compartilhou espaço nas escolas financiadas pelo setor privado, como muitos de seus colegas professores que eram dependente de taxas (geralmente muito baixas) de matrícula, e alugando um espaço qualquer de sala de aula.^[22] Outros professores evitavam o aluguel e os custos de iluminação, dando suas aulas em calçadas, pórticos ou em outros espaços públicos, onde o ruído do tráfego da rua, multidões e o mau tempo sem dúvida alguma causavam problemas.^[35] No século III, um édito sobre os preços máximos fixou o salário de um gramático a 200 denários por aluno por mês, embora

tal decreto tenha sido inexecutável, ignorado e, eventualmente revogado. Crianças prosseguiram seus estudos com o gramático até a idade de quatorze ou quinze anos, de tal forma que apenas os alunos mais ricos e promissores eram matriculados com um retórico.

Retor



Fresco de uma romana em Pompeia, c. 50

O retor ou orador (em latim: *rhētor*) era o tutor da fase final da educação romana.^[36] Bem poucos meninos estudavam retórica. Logo no início da história romana, este nível de educação pode ter sido o único caminho para um aluno se preparar para a profissão de advogado ("*ad vocatus*") ou político.^[22]

Num primeiro momento, os estudos retóricos entre os romanos não eram feitos exclusivamente com um professor, mas eram aprendidos através da observação atenta dos anciãos.^[37] A prática da retórica já tinha sido criada pelos gregos antes de se tornar uma instituição na sociedade romana, e levou muito tempo para que ela ganhasse aceitação, em Roma. O orador, ou estudante de retórica, era importante na sociedade romana devido às disputas políticas constantes que ocorriam ao longo da história romana.^[28] Os jovens que estudavam com um retórico não iriam aprender apenas a falar em público. Esses alunos aprendiam também outras disciplinas como a geografia, música, filosofia, literatura, mitologia e geometria.^[22] Estes estudos bem equilibrados deram aos oradores romanos uma educação mais diversificada e ajudou a prepará-los para futuros debates.

Ao contrário de outras formas de educação romana, não há muita evidência de que o nível retórico estivesse disponível nas escolas organizadas. Devido a esta falta de evidência, presume-se que essa educação era feita por professores particulares mencionados anteriormente. Esses tutores tiveram enorme impacto sobre as opiniões

e ações de seus alunos. Na verdade, a influência era tão grande que o governo romano expulsou muitos retóricos e filósofos em 161 a.C..^[38] Havia dois campos de estudo de oratória que estavam disponíveis para homens jovens. O primeiro destes campos era o ramo deliberativo do estudo. Este campo se destinava à formação de jovens que mais tarde precisariam intervir na "conveniência ou inconveniência" das medidas que afetavam o senado romano. O segundo campo de estudo era muito mais lucrativo e era conhecido como oratória judicial. Estes oradores viriam a entrar em áreas como o direito penal, o que era importante para conquistar um público de seguidores. O apoio do público era necessário para uma bem sucedida carreira política em Roma.^[28] Mais tarde na história romana, a prática da declamação se concentrou mais sobre a arte da eloquência^[nt.5], em oposição à formação de discurso sobre questões importantes nos tribunais. Tácito destacou que no seu tempo (a segunda metade do século I), os alunos tinham começado a perder de vista as disputas legais e tinham começado a se concentrar mais na arte de contar histórias.^[22]

Filósofo

Um nível final de instrução foi o estudo filosófico. O estudo da filosofia distinguia os gregos, mas foi empreendido por muitos estudantes romanos. Para estudar filosofia, um estudante teria de ir a um centro filosófico onde filósofos ensinavam essa matéria, geralmente no exterior, na Grécia. O conhecimento de uma escola de pensamento filosófico pode ter contribuído muito para aumentar o conhecimento de Cícero sobre "o que é importante", mas podia ser adquirido também pela rica elite romana. Os romanos consideravam a educação filosófica como algo que distinguia os gregos e, em vez disso, concentraram seus esforços na construção de escolas de direito e retórica. teria sido responsável por adicionar ao amplamente elogiado conhecimento de Cícero sobre 'aquilo que é grande',^[39] mas por estudar filosofia, um estudante poderia ser perseguido pelos muito mais ricos da elite de Roma.^[40] Romanos consideravam a educação filosófica algo claramente grego, e concentravam seus esforços na construção de escolas de direito e retórica.

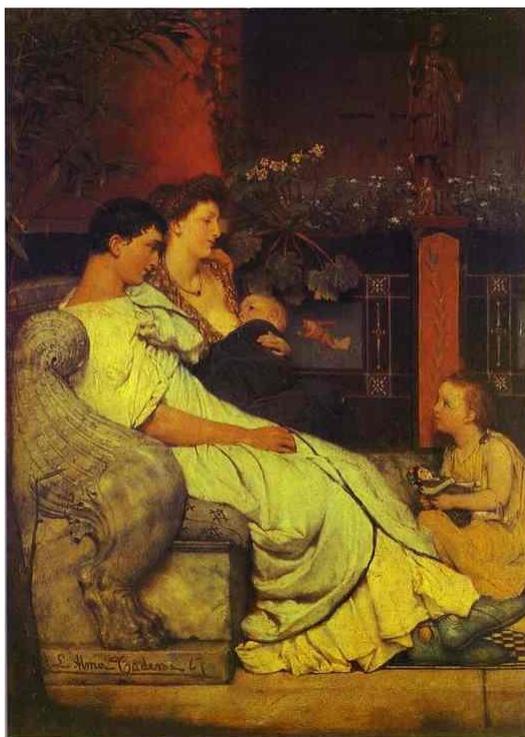
Período Romano

Resumo:

- Não existia democratização;
- A educação dava ênfase à formação moral e física (formação do guerreiro);
- O ideal de Direitos e Deveres.
- O texto-base da educação romana, como atesta Cícero, foi por muito tempo o das Doze tábuas, fixado em 451 a.C., no bronze e exposto publicamente no fórum, para que todos pudessem vê-lo.
- Nelas, sublinhava-se o valor da tradição (o espírito, os costumes, a disciplina dos pais) e delineava-se um código civil, baseado na pátria potestas e caracterizado por formas de relação social típicas de uma sociedade agrícola atrasada.
- Como modelo educativo, as tábuas fixavam à dignidade, a coragem, a firmeza como valores máximos, ao lado, porém, da pietas e da parcimônia.

A educação na Roma arcaica teve, sobretudo, caráter prático, familiar e civil, destinada a formar em particular o *civis romanus*, superior aos outros povos pela consciência do direito como fundamento da própria “romanidade”. Os *civis romanus* era, porém, formado antes de tudo em família pelo papel central do pai, mas também da mãe, por sua vez menos submissa e menos marginal na vida da família em comparação com a Grécia.

- A mulher em Roma era valorizada como *mater familias*, portanto reconhecida como sujeito educativo, que controlava a educação dos filhos, confiando-os a pedagogos e mestres. Diferente, entretanto, é o papel do pai, cuja *auctoritas*, destinada a formar o futuro cidadão, é colocada no centro da vida familiar e por ele exercida com dureza, abarcando cada aspecto da vida do filho (desde a moral até os estudos, as letras, a vida social).



- *Família romana*
- Para as mulheres, porém, a educação era voltada a preparar seu papel de esposas e mães, mesmo se depois, gradativamente, a mulher tenha conquistado maior autonomia na sociedade romana. O ideal romano da mulher, fiel e operosa, atribui a ela, porém, um papel familiar e educativo.

Escola romana

Foi a partir do século II a. C. que, em Roma, também se foram organizando escolas segundo o modelo grego, destinadas a dar uma formação gramatical e retórica, ligada à língua grega.

Só no século I a. C. é que foi fundada uma escola de retórica latina, que reconhecia total dignidade à literatura e à língua dos romanos.

Pouco tempo depois, o espírito prático, próprio da cultura romana, levou a uma sistemática organização das escolas, divididas por graus e providas de instrumentos didáticos específicos (manuais). Quanto aos graus, as escolas eram divididas em:

1. elementares (ou do *litterator* ou *ludus*, dirigidas pelo *ludi magister* e destinadas a dar a alfabetização primária: ler, escrever e, frequentemente, também calcular. Tal escola funcionava em locais alugados ou na casa dos ricos; as crianças dirigiam-se para lá acompanhadas do *paedagogus*, escreviam com o estilete sobre tabuletas de cera, aprendiam as letras do alfabeto e sua combinação, calculavam usando os dedos ou pedrinhas – *calculi* -, passavam boa parte do dia na escola e eram submetidas à rígida disciplina do *magister*, que não excluía as punições físicas);

2. secundárias ou de gramática (nas quais se aprendia a cultura nas suas diversas formas: desde a música até a geometria, a astronomia, a literatura e a oratória; embora predominasse depois o ensino literário na sua forma gramatical e filosófica, exercido sobre textos gregos e latinos, através da *lectio*, da *enarratio*, da *emendatio* e do *judicium*);

3. escolas de retórica - política, forense, filosófica etc. - e elaboravam –se as *suasoriae* ou discursos sobre exemplos morais e as *controversiae* ou debates sobre problemas reais ou fictícios). Embora mais limitada em comparação à educação grega (eram escassas a gramática, a música, e também a ciência e a filosofia), mais utilitária, a formação escolar romana mantém bem no centro este princípio retórico e a tradição das artes liberais, resumidas no valor atribuído à palavra.

Existiam também escolas para os grupos inferiores e subalternos, embora menos organizadas e institucionalizadas. Eram escolas técnicas e profissionalizantes, ligadas a os ofícios e às práticas de aprendizado das diversas artes. As técnicas eram ligadas num primeiro momento, ao exército e à agricultura, depois ao artesanato, e por fim ao artesanato de luxo.

Período Medieval

Resumo:

- Ponto de início: doutrina da igreja católica;
- Conhecido como o século das trevas
- Educação conservadora;
- Criticava a educação grega (liberal) e romana (prática);

- Fundação da Companhia de Jesus (jesuítas).
- No período medieval a educação era desenvolvida em estreita simbiose com a Igreja, com a fé cristã e com as instituições eclesiásticas que – enquanto acolhiam os oradores (os especialistas da palavra, os sábios, os cultos, distintos dos bellatores e dos laboratores) – eram as únicas delegadas (com as corporações no plano profissional) a educar, a formar, a conformar.
- Da Igreja partiram os modelos educativos e as práticas de formação, organizavam-se as instituições ad hoc e programavam-se as intervenções, como também nela se discutiam tanto as práticas como os modelos.
- Práticas e modelos para o povo, práticas e modelos para as classes altas, uma vez que era típico também da Idade Média o dualismo social das teorias e das práxis educativas, como tinha sido no mundo antigo.
- Também a escola, como nós conhecemos, é um produto da Idade Média. A sua estrutura ligada à presença de um professor que ensina a muitos alunos de diversas procedências e que deve responder pela sua atividade à Igreja ou a outro poder (seja ele local ou não); as suas práticas ligadas à lectio e aos auctores, a discussão, ao exercício, ao comentário, à arguição etc.; as suas práxis disciplinares (prêmios e castigos) e avaliativas vêm daquela época e da organização dos estudos nas escolas monásticas e nas catedrais e, sobretudo nas universidades.
- Vêm de lá também alguns conteúdos culturais da escola moderna e até mesmo da contemporânea: o papel do latim; o ensino gramatical e retórico da língua; a imagem da filosofia, como lógica e metafísica.



Escolas paroquiais

As primeiras remontam ao século II. Limitavam-se à formação de eclesiásticos, sendo o ensino ministrado por qualquer sacerdote encarregado de uma paróquia, que recebia em sua própria casa os jovens rapazes.

À medida que a nova religião se desenvolvia, passava-se das casas privadas às primeiras igrejas nas quais o altar substituiu a tribuna. O ensino era reduzido aos salmos, às lições das Escrituras, seguindo uma educação estritamente cristã.

Escolas monásticas

Visavam inicialmente, apenas à formação de futuros monges. Funcionando de início apenas em regime de internato, estas escolas abriram mais tarde escolas externas com o propósito da formação de leigos cultos (filhos dos Reis e os servidores também).

O programa de ensino era de início, muito elementar - aprender a ler escrever, conhecer a bíblia (se possível de cor), canto e um pouco de aritmética – foi-se enriquecendo de forma a incluir o ensino do latim, gramática, retórica e dialética.

Escolas palatinas

Carlos Magno fundou ainda, junto da sua corte e no seu próprio palácio, a chamada Escola Palatin. Para apoio do seu plano de desenvolvimento escolar, Carlos Magno chamou o monge inglês Alcuíno. É sob a sua inspiração que, a partir do ano 787, foram emanados o decreto capitular para a organização das escolas. Estes incluíam as sete artes liberais, repartidas no trivium e no quadrivium.

O trivium abraçava as disciplinas formais: gramática, retórica, dialéctica, esta última desenvolvendo-se, mais tarde, na filosofia; o quadrivium abraçava as disciplinas reais: aritmética, geometria, astronomia, música, e, mais tarde, a medicina.

Escolas catedrais

As escolas catedrais (escolas urbanas), saídas das antigas escolas monásticas (que alargaram o âmbito dos seus estudos), tomaram a dianteira em relação às escolas dos mosteiros. Instituídas no século XI por determinação do Concílio de Roma (1079), passam, a partir do século XII (Concílio de Latrão, 1179), a ser mantidas através da criação de benefícios para a remuneração dos mestres, prosperando nesse mesmo século.

A atividade intelectual abre-se ao exterior, ainda que de forma lenta, absorvendo elementos das culturas judaica, árabe e persa, redescobrimo os autores clássicos, como Aristóteles e, em menor escala, Platão.

Universidades

Supõe-se que a primeira universidade europeia tenha sido na cidade italiana de Salerno, cujo centro de estudos remonta ao século XI.

Além desta, antes de 1250, formaram-se no Ocidente a primeira geração de universidades medievais. São designadas de espontâneas porque nascem do desenvolvimento de escolas preexistentes.

As universidades de Bolonha e de Paris estão entre as mais antigas. Outros exemplos são a Universidade de Oxford e a de Montpellier. Mais tarde, é a vez da constituição

de universidades por iniciativa papal ou real. Exemplo desta última é a Universidade de Coimbra, fundada em 1290.

Originalmente, estas instituições eram chamadas de *studium generale*, agregando mestres e discípulos dedicados ao ensino superior de algum ramo do saber (medicina, direito, teologia).

Porém, com a efervescência cultural e urbana da Baixa Idade Média, logo se passou a fazer referência ao estudo universal do saber, ao conjunto das ciências, sendo o nome *studium generale* substituído por *universitas*.



Universidade



Um monge ensinando a leitura

3- PERÍODO DO RENASCIMENTO

Resumo:

- Conhecido como o século das luzes;
- Interesse pela educação grega e romana;
- Privilégio aos que detinham o poder;
- Principais pensadores: [João Amós Comênio](#) e [Jean-Jacques Rousseau](#).

O Renascimento começou na Itália, no século XIV, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. Foi um período da história europeia marcado por um renovado interesse pelo passado greco-romano clássico, especialmente pela sua arte.

Para se lançar ao conhecimento do mundo e às coisas do homem, o movimento renascentista elegia a razão como a principal forma pela qual o conhecimento seria alcançado.

O renascimento deu grande privilégio à matemática e às ciências da natureza. A exatidão do cálculo chegou até mesmo a influenciar o projeto estético dos artistas desse período. Desenvolvendo novas técnicas de proporção e perspectiva, a pintura e a escultura renascentista pretendiam se aproximar ao máximo da realidade. Em consequência disso, a riqueza de detalhes e a reprodução fiel do corpo humano formavam alguns dos elementos correntes nas obras do Renascimento.

O Humanismo* representou tendência semelhante no campo da ciência. O renascimento confrontou importantes conceitos elaborados pelo pensamento medieval. No campo da astronomia, a teoria heliocêntrica, onde o Sol ocupa o centro do Universo, se contrapunha à antiga ideia cristã que defendia que a Terra se encontrava no centro do cosmos. Novos estudos de anatomia também ampliaram as noções do saber médico dessa época.

Os humanistas eram homens letrados profissionais, normalmente provenientes da burguesia ou do clero que, por meio de suas obras, exerceram grande influência sobre toda a sociedade; rejeitavam os valores e a maneira de ser da Idade Média e foram

responsáveis por conduzir modificações nos métodos de ensino, desenvolvendo a análise e a crítica na investigação científica.

***Humanismo:** O Humanismo é um movimento filosófico surgido no século XV dentro das transformações culturais, sociais, políticas, religiosas e econômicas desencadeadas pelo Renascimento.

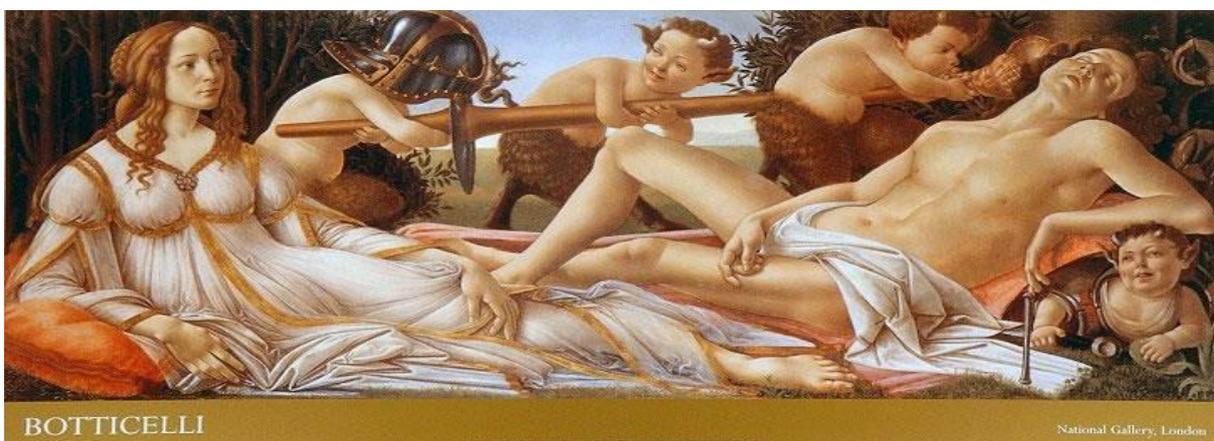
Principais pintores do período

Sandro Botticelli (1445-1510)

Os temas de seus quadros foram escolhidos segundo a possibilidade que lhe proporcionavam de expressar seu ideal de beleza. Para ele, a beleza estava associada ao ideal cristão.

Por isso, as figuras humanas de seus quadros são belas porque manifestam a graça divina, e, ao mesmo tempo, melancólicas porque supõem que perderam esse dom de Deus.

Obras destacadas: A Primavera e O Nascimento de Vênus.



Botticelli

Leonardo da Vinci (1452-1519)

Ele dominou com sabedoria um jogo expressivo de luz e sombra, gerador de uma atmosfera que parte da realidade, mas estimula a imaginação do observador.

Foi possuidor de um espírito versátil que o tornou capaz de pesquisar e realizar trabalhos em diversos campos do conhecimento humano.

Obras destacadas: A Virgem dos Rochedos e Monalisa.



A Virgem do Fuso, Leonardo Da Vinci

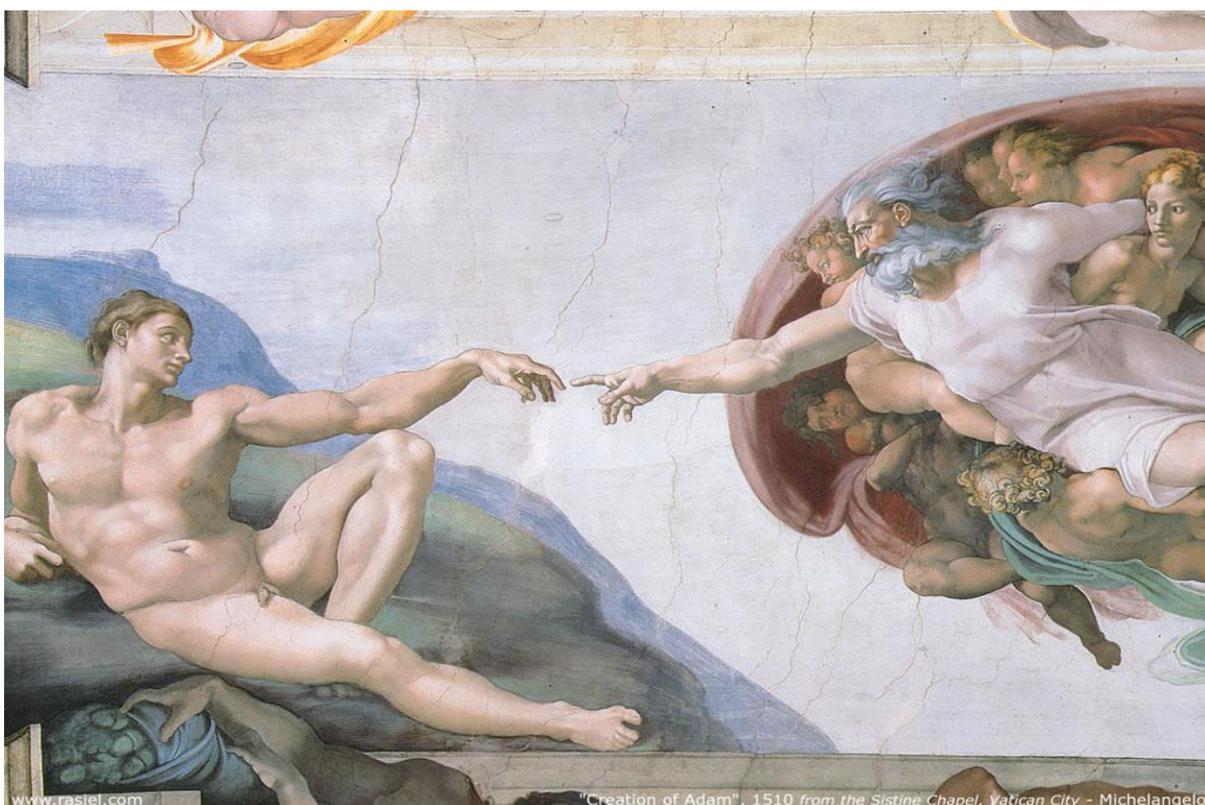


Mona Lisa, Leonardo Da Vinci

Michelangelo Buonarroti (1475-1564)

Entre 1508 e 1512 trabalhou na pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano. Para essa capela, concebeu e realizou grande número de cenas do Antigo Testamento. Dentre tantas que expressam a genialidade do artista, uma particularmente representativa é a criação do homem.

Obras destacadas: Teto da Capela Sistina e a Sagrada Família



Criação do Homem, Michelangelo

Rafael Sanzio (1483-1520)

Suas obras comunicam ao observador um sentimento de ordem e segurança, pois os elementos que compõem seus quadros são dispostos em espaços amplo, claros e de acordo com uma simetria equilibrada. Foi considerado grande pintor de "Madonas".

Obras destacadas: A Escola de Atenas e Madona da Manhã.



A Escola de Atenas, Rafael Sanzio

4- Período Moderno

Resumo:

- Surge no século XVII;
- Separação entre a igreja católica e o estado;
- Principais pensadores: [Pestalozzi](#), [Herbat](#) e [Froebel](#);
- Consolidação da burguesia.

Duas instituições educativas, em particular, sofreram uma profunda redefinição e reorganização na Modernidade: a família e a escola, que se tornaram cada vez mais centrais na experiência formativa dos indivíduos e na própria reprodução (cultural, ideológica e profissional) da sociedade.

As duas instituições chegaram a cobrir todo o arco da infância – adolescência, como “locais” destinados à formação das jovens gerações, segundo um modelo socialmente aprovado e definido.

A família, objeto de uma retomada como núcleo de afetos e animada pelo “sentimento da infância”, que fazia cada vez mais da criança o centro-motor da vida familiar, elaborava um sistema de cuidados e de controles da mesma criança, que tendiam a conformá-la a um ideal, mas também a valorizá-la como mito, um mito de espontaneidade e de inocência, embora às vezes obscurecido por crueldade, agressividade etc.

Os pais não se contentavam mais em apenas pôr filhos no mundo. A moral da época impõe que se dê a todos os filhos, não só ao primogênito, e no fim dos anos seiscentos também as filhas, uma preparação para a vida. A tarefa de assegurar tal afirmação é atribuída à escola.

Ao lado da família, a escola: uma escola que instruía, formava e ensinava não apenas conhecimentos, mas também comportamentos, que se articulava em torno da didática, da racionalização da aprendizagem dos diversos saberes, e em torno da

disciplina, da conformação programada e das práticas repressivas (constritivas, mas por isso produtoras de novos comportamentos). Mas, sobretudo, uma escola que reorganizava suas próprias finalidades e seus meios específicos.



Período Moderno

Uma escola não mais sem graduação na qual se ensinavam as mesmas coisas a todos e segundo processos de tipo adulto, não mais caracterizada pela “promiscuidade das diversas idades” e, portanto, por uma forte incapacidade educativa, por uma rebeldia endêmica por causa da ação dos maiores sobre os menores e, ainda, marcadas pela “liberdade dos estudantes”, sem disciplina interna e externa.

Com a instituição do colégio (no século XVI), porém, teve início um processo de reorganização disciplinar da escola e de racionalização e controle de ensino, através da elaboração de métodos de ensino/educação – o mais célebre foi a *Ratio studiorum* dos jesuítas – que fixavam um programa minucioso de estudo e de comportamento, o qual tinha ao centro a disciplina, o internato e as “classes de idade”, além da graduação do ensino/aprendizagem.

Também é dessa época a descoberta da disciplina: uma disciplina constante e

orgânica, muito diferente da violência e autoridade não respeitada. A disciplina escolar teve raízes na disciplina religiosa; era menos instrumento de exercício que de aperfeiçoamento moral e espiritual, era buscada pela sua eficácia, como condição necessária do trabalho em comum, mas também por seu valor próprio de edificação.

Enfim, a escola ritualizava o momento do exame atribuindo-lhe o papel crucial no trabalho escolar. O exame era o momento em que o sujeito era submetido ao controle máximo, mas de modo impessoal: mediante o controle do seu saber. Na realidade, o exame agia, sobretudo como instrumento disciplinar, de controle do sujeito, como instrumento de conformação.

5- A EDUCAÇÃO CRISTÃ PRIMITIVA

1. EDUCAÇÃO CRISTÃ NO ANTIGO TESTAMENTO

Conforme lemos no trabalho de Gildásio Jesus B. dos Reis sobre a educação no período veterotestamentário para o Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, o escopo principal da educação daquele período era o de instilar na mente dos israelitas a centralidade da Lei de Deus em suas vidas, de modo que esta ocupasse suas mentes e, assim, eles se distinguissem como povo santo de Deus.

Um ponto fundamental dentro da educação dos hebreus era a concepção de que o ensino não deveria limitar-se à simples comunicação oral das verdades a serem conhecidas pelos ouvintes, mas era necessário que eles colocassem em prática aquilo que estavam aprendendo. Isto era tão forte entre eles que, segundo Reis, eles não podiam dizer que sabiam o que eles não faziam.

Com a finalidade de glorificar a Deus, os israelitas eram instruídos a iniciar a educação no ambiente familiar. A família era a primeira instituição responsável por educar. Esta responsabilidade era, em certa medida, dividida entre o pai e a mãe, pois a mãe iniciava os fundamentos da educação moral das crianças. Porém o pai era, em última instância, o maior responsável por educá-las, dada a sua posição de liderança.

Nós vemos a confirmação bíblica da perspectiva de Reis com clareza na passagem de Deuteronômio 6.6-9, onde lemos:

“6. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; 7. tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. 8. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. 9. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.”

O resultado óbvio esperado deste ensino, como Reis nos mostra, era a obediência do povo de Deus a Sua Lei. Eles deveriam demonstrar na prática aquilo que haviam aprendido na teoria. Nas palavras de Reis: “Aprender a Lei de Deus não era algo divorciado da vida, mas antes algo que controlaria toda a vida.”¹

Um aspecto interessante salientado por Reis refere-se à didática que existia até mesmo nas festividades e nos rituais celebrados pelo povo hebreu. Estas solenidades também tinham conteúdo educativo. Reis afirma que “Através das festas e rituais, os pais e anciãos ensinavam as crianças o conteúdo da Lei e a necessidade de obedecê-la. O estilo de vida inteiro era pra ser didático em natureza e em função.”²

Fundamentando-se no livro de Provérbios, Reis acertadamente diz que havia uma educação relacional, de modo que o mestre estivesse sempre próximo do aluno. Diz ele que o Senhor Jesus preservou este padrão em seus dias, através do relacionamento próximo com os seus discípulos.³

O livro de Provérbios não ensina que os pais deveriam ensinar o caminho, mas no caminho em que eles deveriam andar, para que na velhice não se desviassem dele (22.6). Na prática de Jesus, vemos esta relação de proximidade na transmissão do ensino em suas palavras, por exemplo, em sua conhecida oração sacerdotal: “porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste” (Jo 17.8).

De maneira formal, é-nos mostrado que havia instituições de ensino em Israel, que eram basicamente três: o templo, as escolas das sinagogas e as escolas de profetas.

No templo, temos o exemplo de Joás como alguém que foi criado e instruído neste local. Lá, ele foi inteirado sobre a Lei de Deus. Nisto vemos o papel dos sacerdotes do templo cumprido, pois estes deviam deter o conhecimento da Lei (MI 2.7; Os 4.7).

A sinagoga, que no período neotestamentário já estava bem estabelecida e presente nas atividades religiosas das comunidades judaicas, exercia o papel de ser um complemento da educação recebida em casa pelos pais, como ocorria no caso do templo. As pessoas eram, através da exposição das Sagradas Escrituras, confrontadas com a Lei quando a transgrediam. É digno de nota que as igrejas cristãs dos primeiros séculos receberam como herança a estrutura litúrgica das sinagogas, com seus cultos simples, compostos de orações, cânticos e leitura e explicação das Escrituras.

Por fim, temos as escolas dos profetas. Estas constituíam parte importante no sistema educacional de Israel. Isto porque os profetas eram verdadeiros mestres, que educavam pública e constantemente o povo de Deus a viverem Sua Lei. O profeta, segundo Reis, “era figura central na educação nacional, por causa de suas constantes exortações e recordações concernentes aos propósitos e vontade de Deus para com a nação israelita e a necessidade de viver uma vida correta.”⁴

2. EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA PRIMITIVA

Os cristãos primitivos certamente herdaram dos hebreus a tradição do ensino das Leis divinas para as comunidades da época. Podemos observar na prática apostólica a forte ênfase no ensino. Este era um aspecto fundamental na formação de novos cristãos neste período da igreja.

Os discípulos de Cristo receberam dele a missão de “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.19), o que implica ensino. Reis nos oferece o exemplo do apóstolo Paulo como educador cristão, com seu propósito de ensinar aos povos a doutrina de Cristo.

Paulo, apesar de não estar presente por ocasião da “grande comissão”, recebe tanto dos outros discípulos como do próprio judaísmo a tradição do ensino na Palavra de Deus. Segundo Reis, uma vez que os mistérios de Cristo, revelados na dispensação da Nova Aliança, são difíceis de explicar, se faz necessária a explicação e instrução.⁵

Entre os pais da igreja torna-se imprescindível o papel da educação. Através de suas cartas, suas apologias e outros escritos, eles buscavam resguardar a fé dos primeiros cristãos. Eles os confortavam e preservavam a doutrina. As heresias surgiam e se multiplicavam, e os apologistas se empenhavam na árdua tarefa de combater tais erros.

Havia também instruções acerca da vida diária dos cristãos e diretrizes para o culto. Vemos o exemplo disso na Didaquê, ou Instrução dos Doze Apóstolos. Nele encontramos regras para a ministração dos sacramentos do batismo e da eucaristia, além de outras instruções relevantes para o cotidiano dos cristãos.

O destaque que damos no ensino da Didaquê é a sua referência à educação. Ela deveria estar presente em todas as fases da vida dos cristãos. Começando da infância. “Sendo assim, notamos que a educação cristã tem como fundamento o lar e que a igreja passou a complementá-la, sobretudo quando o fiel desejasse se tornar membro da igreja.”⁶

No estudo da vida e da obra dos pais da igreja, os quais foram “os primeiros agrimensores do terreno, buscando entender o que Cristo e os apóstolos ensinaram”⁷, notamos um especial destaque à educação como parte integrante e indispensável da vida cristã, como deve ser nos nossos dias.

3. EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IDADE MÉDIA

Este período teve a Igreja Católica, instituição que se sobressaiu e se consolidou como entidade influente na vida e no pensamento dos povos, como a responsável pela educação.

O cristianismo sempre se destacou nas sociedades com sua proposta de mudança radical de comportamento. Mesmo na idade média, também conhecida como “idade das trevas”, ele assim se caracterizou. A igreja cristã, em detrimento da cultura grega que não dava grande importância ao aspecto moral da vida, continuou a apregoar a necessidade de mentalidade, de modo que o homem se preocupasse mais com a vida porvir, ou seja, com o seu destino eterno.

Sobre isto, Reis faz o seguinte comentário:

“O ideal educativo do cristianismo é um renascer para um mundo novo do espírito e com ele surge um novo tipo de educação com normas inéditas de vida e de comportamento. Assim, as preocupações morais e religiosas substituíram as preocupações intelectuais, estéticas e físicas da cultura grega.

Um importante período para a educação no período da idade média foi o período da escolástica. Este período teve grande influência para a educação. Buscou-se neste período fundamento racional para a fé cristã. Reis afirma que neste período procurou-se “demonstrar e ensinar as concordâncias da razão com a fé pelo método da análise lógica.”⁹

Neste período destacam-se para o nosso assunto Agostinho e Tomás de Aquino. Santo Agostinho foi brilhante como escritor e teólogo do século XI. Dentre suas obras, a mais conhecida são as suas Confissões. O legado de Agostinho é apreciado até os dias de hoje pela igreja cristã, tanto por católicos quanto por protestantes.

Tomás de Aquino também representa para a igreja de hoje um grande pensador da idade média. Este teólogo, que viveu no século XIII, compôs uma obra brilhante que, sem dúvida, é a sua opus magnum: a conhecida Suma Teologica. Esta obra é tão importante que muito da teologia da Igreja Católica está fundamentado nela.

Algo que sem dúvida representa um marco no que diz respeito à influência educativa da idade média foi a criação das universidades. Com toda a conjuntura social da época, a igreja tentava estimular as pessoas a não abandonar a fé em face da racionalização do discurso humano. As universidades surgem então como passo importante nesse sentido. Reis cita o fato de que foi no século XIII que surgiu a primeira universidade (Nápolis, em 1224.), e também aponta o surgimento de outras, como as de Paris, Bolonha, Salerno, Oxford, Viena e Salamanca.¹⁰

Hoje, entendemos que a chamada “idade das trevas” na verdade não foi assim tão escura. Houve abusos neste período, como também aconteceu em toda a história da humanidade. Mas não devemos nos esquecer dos avanços e das contribuições para o mundo do saber desta época. O mundo foi levado a refletir sobre os valores eternos, que são perenes e, assim, devem ocupar espaço privilegiado na mente. Reis conclui que a idade média “não foi um período negro de uma historiografia já superada. Foi um período de lenta, e talvez dolorida, fecundação de ideias e técnicas que prepararam os tempos modernos.”¹¹

4. EDUCAÇÃO CRISTÃ NA REFORMA PROTESTANTE

Chegamos ao período da Reforma Protestante. Este conhecido movimento não poderia deixar de ser mencionado. A Reforma representa para todos, especialmente para o protestantismo, uma grande revolução ideológica que afetou não apenas o mundo religioso, mas também as esferas cultural, artística, econômica, política e educacional.

Em sua análise da contribuição da Reforma Protestante para a educação cristã, Reis nos diz que com o início deste movimento “chega-se a mais elevada conscientização sobre a importância do processo educacional para a formação da personalidade humana, conforme a concebeu o Criador.”¹²

Lutero, por meio de quem a Reforma tem o seu “pontapé” inicial, instiga o povo a repensar a fé cristã. A partir daí, a educação ganha destaque e é valorizada. A influência do protestantismo estende-se às várias áreas da vida, como a social, a cultural, à política, etc., principalmente por conta da visão holística da vida cristã, conforme a concebiam Lutero e os reformadores.

Uma grande demonstração de Lutero no sentido de ensinar o povo pode ser observada pela tradução que Lutero faz do Novo Testamento. A leitura da Bíblia era privilégio de alguns poucos clérigos; os cristãos leigos não tinham permissão para isso. Lutero compreendia que os cristãos podiam ler as Escrituras e compreender sua mensagem através da iluminação do Espírito de Deus. É o início do princípio do livre-exame.

Em Lutero vemos alguém grandemente preocupado e decidido a engajar-se na luta contra a ignorância através da educação. Isto estava em harmonia com o espírito da Reforma Protestante. Os reformadores diziam que o maior inimigo da verdadeira fé cristã era a ignorância. Lutero escreveu uma Carta aos Prefeitos e Conselheiros das Cidades Alemãs, onde ele diz ser “necessário haver escolas para a segurança dos negócios deste mundo, como a história dos gregos e romanos claramente nos ensina.” Lutero achava tão imprescindível a educação infantil que ele afirmava que os pais que não enviavam seus filhos para a escola estavam servindo ao diabo.¹³

Com relação a Lutero podemos ver ainda sua preocupação com a educação cristã na produção de dois catecismos, um para crianças e outro para adultos. Neles, Lutero ensina os rudimentos da fé cristã e ajuda os cristãos de sua época a terem as suas crenças bem definidas em suas mentes.

Em Calvino vemos a continuação e a intensificação deste trabalho educativo. Apesar do fato de que ele nunca mencionou explicitamente sua preocupação com a

educação, isto claramente transparece em seus escritos e na sua prática, que revelam que o “óbvio não dito”, ou seja, a educação cristã, estava no centro de sua atenção

Calvino, à semelhança de Lutero, emprega seus esforços intelectuais para combater a ignorância do povo. Entre seus escritos significantes podemos citar principalmente seus comentários bíblicos e a sua obra magna, as Institutas da Religião Cristã. Além disso ele cria a Academia de Genebra, onde ele sugere às autoridades civis que obriguem as crianças a comparecerem à escola e que tenham sua frequência cuidadosamente controlada. Reis testemunha que “Calvino promoveu a educação na escola secundária e insistiu sobre a educação primária compulsória para meninos e meninas.”¹⁵

O testemunho universal dos historiadores confirma que a Reforma Protestante foi um movimento revolucionário também para a educação. Sua influência se estende até hoje. Muitas escolas estão comprometidas com o ensino amalgamado nos pilares reformistas. Podemos mencionar a nossa Universidade Presbiteriana Mackenzie, que tem como objetivo “Educar o ser humano criado à imagem de Deus para o exercício consciente e crítico da cidadania e da dignidade, preparando-o para a vida, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do ser e da sociedade, por meio do ensino e das atividades científicas, culturais, esportivas, sociais, éticas e espirituais.”

5. CONCLUSÃO

A análise de toda a história da educação do povo de Deus permite-nos concluir que sempre fez parte da concepção do povo de Deus a noção de que a educação começa no contexto do ambiente familiar, sendo as instituições de ensino uma extensão desta educação.

Deus sempre demonstrou Sua preocupação com o desenvolvimento intelectual do Seu povo, não apenas de forma mecânica, mas principalmente de maneira prática e experimental. Esta noção foi sábia e sistematicamente passada para todos os principais líderes que se levantaram entre Seus servos ao longo da história. Quer tenha sido na vida de patriarcas, sacerdotes e reis, quer nos apóstolos, mártires e pais da igreja, quer nos líderes da idade média ou nos reformadores, Deus manifestou a luz do entendimento e da preocupação educacional para o povo.

O grande desafio para a instituição igreja continua. Ela precisa fazer eco ao que, ao longo dos séculos, tem sido a praxe do povo da aliança. É preciso dar continuidade ao trabalho; a missão é a mesma. Porém, como a compreensão é a mesma, é preciso lembrar que a educação nas instituições é de natureza apenas complementar, pois a principal responsável por esta é a família.

6- – A EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA

Educação, artes e cultura

A educação era para poucos, pois só os filhos dos nobres estudavam. Marcada pela influência da Igreja, ensinava-se o latim, doutrinas religiosas e táticas de guerras. Grande parte da população medieval era analfabeta e não tinha acesso aos livros.

A arte medieval também era fortemente marcada pela religiosidade da época. As pinturas retratavam passagens da Bíblia e ensinamentos religiosos. As pinturas medievais e os vitrais das igrejas eram formas de ensinar à população um pouco mais sobre a religião.

Podemos dizer que, em geral, a cultura medieval foi fortemente influenciada pela religião. Na arquitetura destacou-se a construção de castelos, igrejas e catedrais.

A Igreja no período medieval

A Igreja católica surgiu durante o Império Romano, mas foi durante a Idade Média que se consolidou como a mais importante instituição da Europa ocidental. Naquela época, não havia quem duvidasse da existência de Deus: ser católico era tão natural quanto o ato de respirar.

A partir do século XV, os europeus levariam sua cultura para diversas regiões do mundo. Dentre esses valores, estava o catolicismo. Foi assim, por exemplo, que o Brasil tornou-se a maior nação católica do mundo.



Na imagem, *Madona com o menino rodeada de anjos*, de Ceni di Peppi Cimabue, 1270.

Principal poder espiritual e temporal na Europa durante a Idade Média, a Igreja Católica, além de ser a única instituição com ramificações em todas as regiões e lugarejos, possuía muitas terras e riquezas e era obedecida e temida pela quase totalidade dos habitantes.

Sabe-se que a Igreja chegou a possuir mais de um terço de todas as terras da Europa Ocidental. As origens desta acumulação de bens materiais ainda hoje causam polêmicas entre os historiadores.

Alguns apontam o complexo sistema de cobranças de impostos e de indulgências como principal origem dos bens da Igreja. Além do dízimo, 10% das rendas de cada fiel, os padres cobravam pesados tributos dos camponeses que viviam nas terras do clero e, em períodos excepcionais, promoviam a venda de indulgências nos lugarejos, nas vilas e nas cidades.

Para outros, a posse de terras pela Igreja provinha principalmente das doações feitas por fiéis arrependidos dos seus pecados e por nobres e reis, que entregavam parte de suas conquistas de guerra. Além disso, com o movimento das Cruzadas, a própria Igreja conquistou extensas áreas territoriais.

Junto a toda essa riqueza, a Igreja acumulou cultura e conhecimento, pois controlava grande parte do saber herdado da Antiguidade Clássica. Os mosteiros medievais ficaram célebres por sua política de hospitalidade, dando abrigo temporário a peregrinos e andarilhos e pelas minuciosas e caprichosas cópias manuais de textos e livros da Antiguidade Clássica. Como os livros, pergaminhos, manuscritos e documentos ficavam nos mosteiros e nas universidades da igreja, os padres detinham praticamente o monopólio da cultura erudita que, segundo a visão predominante na época, representava um perigo para as mentes e as crenças cristãs.

O próprio sistema de organização e hierarquia da Igreja medieval ajudava a garantir a consolidação do seu poder, e o papa, como representante máximo do poder espiritual, acumulou também poder político ou temporal. Por ser a única autoridade reconhecida como universal, ele agia como árbitro nos conflitos entre reinos e impérios.

Segundo a classificação bastante simplificada da época, a sociedade medieval estaria dividida em três ordens: a Igreja, Primeira Ordem, tinha a função de orar; os nobres pertenciam à Segunda Ordem, com a missão de garantir a segurança, ou seja, guerrear; e a Terceira ordem era composta pelos trabalhadores, que deveriam prover as necessidades das duas primeiras ordens.

Assim como tudo na sociedade medieval, a primeira Ordem tinha sua própria hierarquia: o Alto Clero, composto pelo papa, bispos, cardeais e abades; e o Baixo Clero, formado pelos clérigos, padres e monges. A maioria dos membros da Igreja provinha de famílias nobres, que impunham a formação religiosa aos seus filhos não-primogênitos, mesmo que não tivessem vocação ou vontade de servir a Igreja.

Com presença e atuação ostensivas, a Igreja impôs seus valores e crenças e criou na Europa daquele tempo uma atmosfera de religiosidade que se manifestava até nas mais simples atividades cotidianas: ao nascer, o indivíduo recebia o sacramento do batismo, ao casar, o do matrimônio e ao morrer, a extrema-unção (também era enterrado no cemitério da Igreja); a contagem e divisão do tempo era baseada em acontecimentos religiosos, assim como as festas e o descanso semanal.

O poder da Igreja era tão grande nessa época que aqueles que enfrentavam seu poder eram chamados de hereges ou infiéis. *Herege* é uma palavra de origem grega, que significa “aquele que escolhe”, mas na Idade Média passou a denominar a pessoa ou o grupo que defendia doutrina contrária à Igreja ou discordava dos seus dogmas, das suas verdades.



Uma das penalidades aplicadas pela Igreja aos hereges era a morte na fogueira.

Para enfrentar os hereges e consolidar seu poder na sociedade, a Igreja Católica instituiu o Tribunal do Santo Ofício que perseguia os hereges e aqueles que tinham comportamentos e preferências contrários aos seus ensinamentos morais e disciplinares.

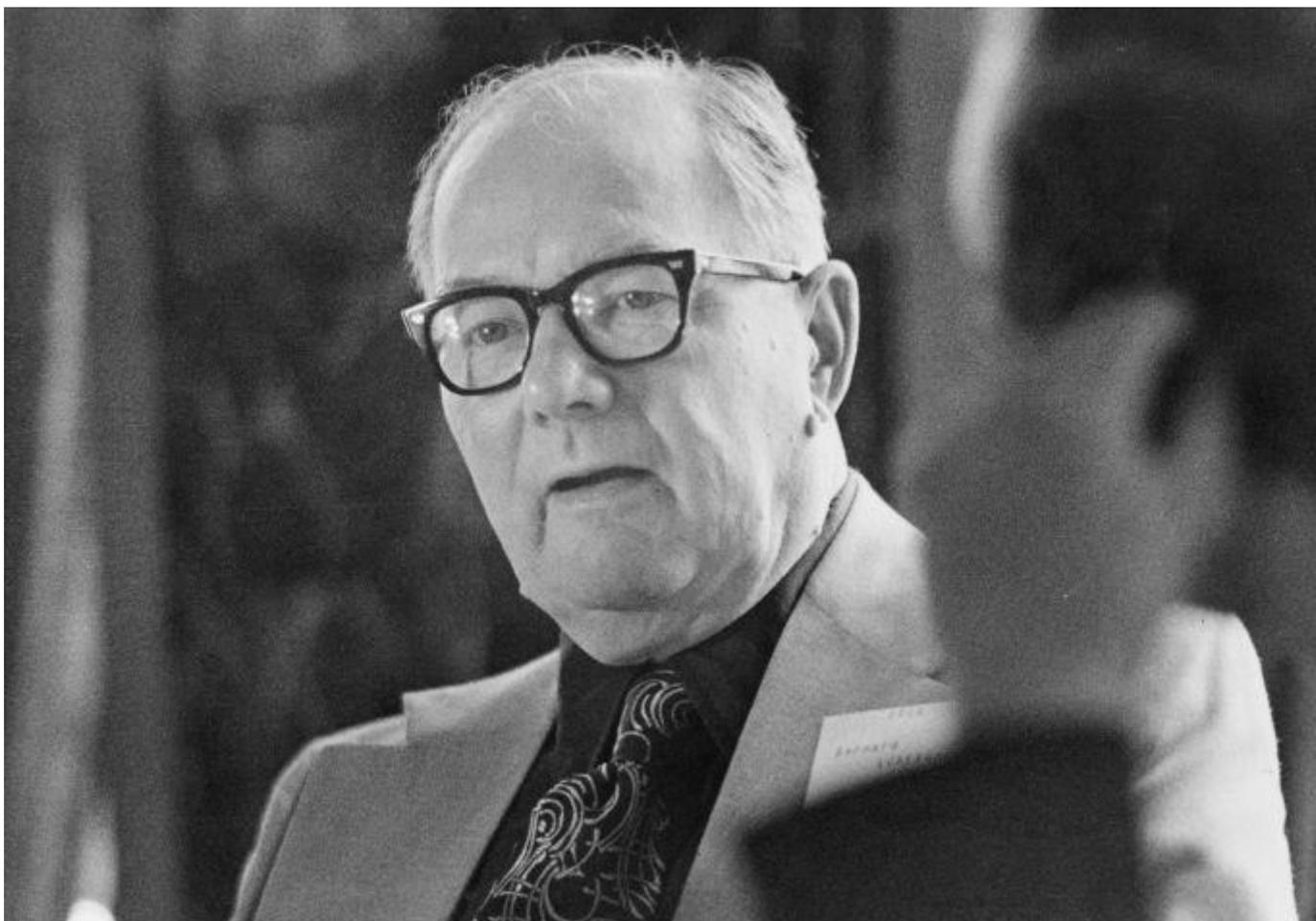
7- O CRISTIANISMO



Já reparou que as perguntas pela definição do que nos é mais familiar – por exemplo, o que é cristianismo – são as mais difíceis de responder?

A razão é simples: o que está integrado ao nosso mundo compõe a estrutura com que interpretamos a realidade. O cristianismo, em particular, teve um papel decisivo no desenvolvimento da civilização ocidental. Tendemos a compreender a vida através dele – poucas vezes temos a oportunidade de analisá-lo.

Mas, por isso mesmo, é importante tentar fazê-lo! Assim compreenderemos melhor em que cremos, ou (se este for o caso) em que afinal estamos nos recusando a crer.

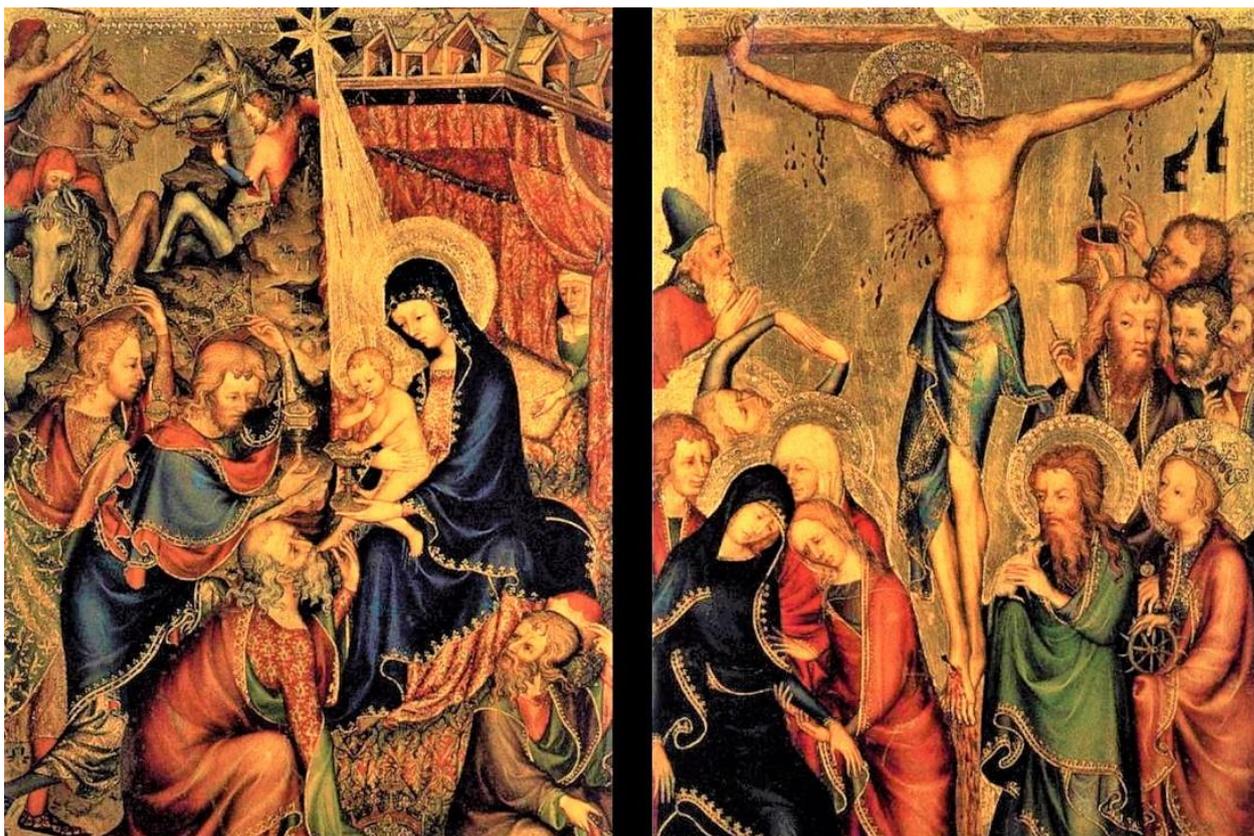


Bernard Lonergan, autor do livro Método em Teologia, publicado pela É Realizações. [Foto: Mark Winiarski/NCR] Considerações teológicas minuciosas, imprescindíveis para o entendimento profundo da fé cristã, já estão disponíveis em português. É o caso do livro Método em Teologia, do grande teólogo [Bernard Lonergan](#), cujas primeiras páginas [podem ser lidas gratuitamente aqui](#).

Já para uma introdução acessível e abrangente, basta continuar a leitura deste post! Aqui você conhecerá o sentido, a história, as crenças centrais, as festas mais significativas, os ramos mais expressivos e os principais símbolos da fé cristã, além dos livros imperdíveis para entender o que é cristianismo.

Não deixe de conferir!

O que é cristianismo? (Conceito e significado)



Se for preciso dizer o que é cristianismo em uma frase, ela deverá afirmar pelo menos os seguintes pontos: o cristianismo é a fé em que Deus se revelou em Jesus de Nazaré e que, por meio deste, a humanidade é apresentada com a possibilidade de viver em plena comunhão consigo mesma, com o mundo e com Deus.

Em termos técnicos, o cristianismo é uma religião monoteísta que há cerca de dois mil anos se derivou do judaísmo na região do Oriente Médio. Sua figura central é a de Jesus, que se acredita ser o Filho de Deus, a encarnação humana da própria Divindade.

Trata-se da maior religião do planeta (reunindo cerca de 30% da população terrestre), e da mais influente no mundo ocidental. Precisamente essa influência é tanto um auxílio como um entrave para compreendermos o seu significado. Como expressa [Fabrice Hadjadj](#):

“[...] temos uma tendência a opor paraíso e história; contudo, a ideia de História, com H maiúsculo (e até com uma bomba H), deriva do paraíso tal como pregado por judeus

e cristãos. Não temos consciência disso por se tratar de algo que nos é extremamente familiar: desdenhando do judaísmo e do cristianismo, somos, apesar de tudo, seus herdeiros, e vamos vivendo graças ao que cai de sua mesa.”

([O Paraíso à Porta – Ensaio sobre uma alegria que desconcerta](#), p. 42)

O exemplo evocado pelo autor – do papel exercido pela ideia de paraíso sobre a noção ocidental de História – é um entre vários que mostram ser o cristianismo (ao lado do judaísmo, de que descende) o solo em que se desenvolveu a civilização ocidental.

Daí a importância de estudarmos sua história, suas crenças, seus símbolos, suas festas e suas ramificações. É tudo isso o que este post lhe oferecerá. Continue a leitura se você quer saber mais sobre o que é cristianismo!



[Foto: Victoria and Albert Museum]

História do cristianismo: origem e desenvolvimento

Judaísmo e helenismo

O surgimento do cristianismo se deu no contexto da religião judaica e da cultura helenista.

Jesus foi entendido pelos primeiros cristãos como a pessoa em quem se cumpriu a promessa divina (por cuja realização esperavam os hebreus) de um profeta, sacerdote e rei que possibilitaria ao povo de Israel concretizar a sua vocação – a de ser o povo por intermédio do qual todas as nações poderiam conhecer a Deus.

Ao mesmo tempo, os judeus se achavam sob domínio do Império Romano, que por sua vez tinha por maiores forças intelectuais as ideias importadas do pensamento grego – àquela altura, repaginadas e debatidas por diferentes escolas, como o estoicismo, o epicurismo e as várias modalidades de ceticismo.



Filon de Alexandria. [Foto: Internet]

O encontro entre a religião judaica e o pensamento grego está exemplarmente sintetizado na vida de [Filon de Alexandria](#), filósofo médio-platônico contemporâneo de Cristo. De sua autoria, há duas importantes obras traduzidas para o português: [Questões sobre o Gênesis](#) e [Da Criação do Mundo – E outros escritos](#).

Por um lado, a conjugação de judaísmo e cultura helênica é um dado fundamental para compreendermos adequadamente o que é cristianismo.

Mas, por outro lado, corre-se permanentemente o risco de atribuir a um dos termos dessa base um destaque que acabe por obscurecer a relevância do polo complementar.

Uma teóloga contemporânea que tem se destacado por traçar uma origem mais profundamente judaica, e menos dependente da influência grega, do que habitualmente se supõe ser o caso para o cristianismo é [Margaret Barker](#), autora de [Introdução ao Misticismo do Templo](#) e [Introdução à Teologia do Templo](#).

Em seus livros, a estudiosa apresenta a hipótese segundo a qual a autoimagem de Jesus e a maneira como os primeiros cristãos o compreenderam estavam diretamente enraizadas nas práticas e crenças que o hebraísmo antigo, a despeito da religiosidade hebraica oficial, desenvolveu em torno do Primeiro Templo de Jerusalém.

Igreja primitiva



Dos vários resultados alcançados por essa abordagem consta a descoberta de que o desenvolvimento orgânico da religião dos hebreus pode ter manifestado tendências antissacrificiais que contrastavam com as prescrições da Lei para o oferecimento de holocaustos.

Qualquer que seja o nível de acurácia histórica desse palpite, o fato é que os primeiros cristãos (segundo Barker, conscientemente continuadores daquele hebraísmo popular) entenderam a crucificação de Jesus como o ato que a um só tempo concretizou, julgou e redimiu nosso ímpeto religioso natural.

Ou seja: o legalismo religioso levou ao contrassenso de condenarmos e sacrificarmos a própria Divindade; mas, exatamente ao cometermos esse que foi o maior dos pecados, Deus demonstrou a perversidade das ações humanas baseadas no orgulho e nos concedeu a possibilidade de trilhar um caminho de verdadeiro amor a ele e ao próximo.



São Paulo Apóstolo. [Foto:

Renata Sedmakova/Shutterstock]Uma análise detalhada das epístolas do apóstolo Paulo foi feita sob essa perspectiva pelo teólogo [Robert Hamerton-Kelly](#) no livro [Violência Sagrada – Paulo e a hermenêutica da cruz](#).

Os efeitos concretos dessa consciência no âmbito da Igreja primitiva (como se denomina a comunidade cristã do primeiro século) foram o esforço de se exercitar o auxílio mútuo e a disposição a anunciar a todo o mundo conhecido a boa-nova

(literalmente, evangelho) de que, em Cristo, Deus estava redimindo os seres humanos.

O relato desse período, cuja principal fonte é o livro de Atos dos Apóstolos, dá conta de que o cristianismo, sendo visto como uma seita dissidente da religião judaica, foi alvo de grande perseguição política e religiosa.



Martírio de Estevão.

Patrística

Mas os problemas enfrentados pelo cristianismo não foram exclusivamente de origem externa. Entre os próprios grupos cristãos, surgiam deturpações do ensino transmitido pelo colégio apostólico, que viriam a se consolidar em doutrinas heréticas.

Já nas cartas do Novo Testamento, vemos o combate a ideias como as de que Jesus não era realmente humano e de que Jesus não ressuscitou corporalmente de fato.

Esses desvios doutrinários eram frequentemente motivados pela intenção de tornar a mensagem cristã mais palatável aos padrões de pensamento estabelecidos.

A Patrística – período que comportou a atuação dos chamados Pais da Igreja, pensadores que pela primeira vez trataram de maneira sistematizada as alegações cristãs – caracteriza-se por escritos polêmicos que alvejavam tanto as heresias internas como as escolas de pensamento adversas.



Isto é: em vez de abdicar, mesmo que parcialmente, do ensino apostólico, os Santos Padres valeram-se das críticas vindas do pensamento influente como oportunidades de pensarem com profundidade sobre os fundamentos do cristianismo.

Exemplo disso é o eloquente discurso de [Clemente de Alexandria](#), disponível em edição bilíngue (grego-português), [Exortação aos Gregos](#). Para conferir as primeiras páginas gratuitamente, é só clicar no título do livro!

Idade Média



À Patrística se seguiu o período medieval, durante o qual o pensamento cristão se desenvolveu sob a forma da [Escolástica](#).

Afora o aspecto intelectual da Idade Média, um evento de primeira importância ocorrido nessa era foi, em meados do século 11, o Grande Cisma.

Com o acontecimento, radicalizou-se uma oposição que vinha sendo contornada desde o século 4, com a cisão entre o Império Romano do Ocidente, cuja capital era Roma, e o Império Bizantino, cuja capital era Constantinopla.

A insubordinação da cristandade oriental ao papado romano – junto a divergências doutrinárias abordadas abaixo, em seção sobre o catolicismo ortodoxo – inaugura a divisão que ainda hoje vigora no seio do cristianismo.

Reforma



[Foto: tela de Ferdinand Pauwels] Outra fragmentação com resultados que continuam em curso foi a acontecida no decorrer do século 16, com a eclosão e os desdobramentos da Reforma Protestante.

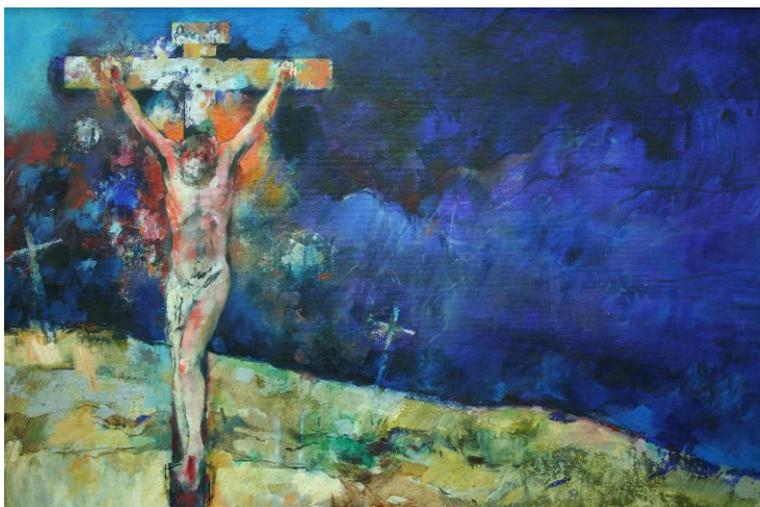
Igualmente, suas propriedades doutrinárias serão vistas de mais perto na seção sobre o protestantismo, abaixo.

Do ponto de vista teológico, o movimento pode ser entendido como um redespertamento agostiniano entre pensadores cristãos. Para saber mais sobre as ideias do bispo de Hipona, e a diversificada influência desempenhada por elas.

De um ponto de vista cultural, mais amplo, a Reforma foi o efeito, sobre o cristianismo ocidental, do Renascimento, vigente na Europa a partir do século 14. Grosso modo, essa tradição consolidou-se, de um lado, no humanismo secular e, de outro lado, no humanismo cristão, do qual é expressão a Reforma.

O livro [Fé e Razão na Renascença – Uma introdução ao conceito de Deus na obra filosófica de Marsílio Ficino](#), de [Talyta Carvalho](#) (e com prefácio de [Luiz Felipe Pondé](#)), investiga a teologia filosófica subjacente às ideias de um humanista católico – anterior à Reforma, mas contado entre os renascentistas que proporcionaram solo a ela.

Contemporaneidade



[Foto: Johan Vlok Louw, “Golgotha”] Atualmente ramificada em catolicismo romano, catolicismo ortodoxo e protestantismo, a religião cristã enfrenta novos desafios, e conta com novas possibilidades, para anunciar a sua mensagem e vivenciar, sempre de novo, o que é cristianismo.

Desafios e possibilidades que surgem tanto em situações prósperas como em circunstâncias de privação, tanto nos debates filosófico-teológicos como na experiência concreta do cotidiano.

Com frequência, a espiritualidade cristã aparece como um elemento essencial a compor um fato ou uma cultura historicamente relevantes – e isso nas condições sociopolíticas mais variadas.



Entre diversos acontecimentos marcantes na história do Brasil, a [Guerra de Canudos](#), no fim do século 19, é um exemplo paradigmático de evento catalisado pelo fervor religioso, mantido com espontaneidade por uma comunidade de cristãos.

Documento indispensável para compreendermos a mente do líder espiritual daquele povoado é o texto Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos Homens, de autoria do próprio Antonio Conselheiro.

A obra – contendo o fac-símile do manuscrito original, e acompanhada de um livro-comentário do pesquisador responsável pela redescoberta do escrito, Pedro Lima Vasconcellos – está disponível no box [Antonio Conselheiro por ele mesmo](#), que conta com prefácio de Leandro Karnal e pode ser conferido por meio do último link.

Precisamente a relevância do evangelho cristão para os vulneráveis, percebida com agudeza por alguém como o Conselheiro, é o tema motivador dos trabalhos teológicos do dominicano [Carlos Mendoza-Álvarez](#).

Desse autor já estão publicados em português os volumes [O Deus Escondido da Pós-Modernidade – Desejo, memória e imaginação escatológica: ensaio de teologia fundamental pós-moderna](#) e [Deus Ineffabilis – Uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos](#), obras incontornáveis na discussão teológica contemporânea.

Como referenciais teóricos do pensador mexicano aparecem autores como Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur e, em especial, [René Girard](#), erudito que concebeu a [teoria mimética](#).

Essa escola de pensamento tem sido de importância capital para a reflexão hodierna sobre a fé cristã. Entre os seus corolários, está a tese de que a oposição moderna ao cristianismo é possibilitada por ele e conduz inadvertidamente a que retornemos a ele. Para entender as ideias que estão por trás dessas afirmações, é só clicar no último link acima!



O filósofo Alfonso López Quintás é autor de *O Conhecimento dos Valores e A Tolerância e a Manipulação*, ambos publicados pela É Realizações.

Obviamente, as expressões cristãs no mundo contemporâneo não se limitam a construções teóricas e mobilizações populares, ainda que estes certamente estejam entre os indícios mais significativos da relevância continuada do cristianismo.

Outro sinal disso – e, neste caso, mais visível – é o vigor da arte sacra atual, e o impacto que é deixado por ela nas manifestações estéticas como um todo.

REFERÊNCIAS

<https://www.historiadomundo.com.br/grega/educacao-grega.htm>>acesso em 20/07/2020

https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_na_Roma_Antiga#:~:text=A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20na%20Roma%20Antiga,eram%20escravos%20o%20libertos%20gregos.>acesso em 20/07/2020

<https://www.pedagogia.com.br/historia/medieval2.php>>acesso em 20/07/2020

"História da Educação - Período Moderno" em *Só Pedagogia*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2020. Consultado em 20/07/2020 às 14:57. Disponível na Internet em <http://www.pedagogia.com.br/historia/moderno.php>

<https://www.ipcb.org.br/index/educacao-crista-no-antigo-testamento-na-igreja-primitiva-na-idade-media-e-na-reforma-protestante/>>acesso em 20/07/2020

Idade Média - Educação, artes, cultura, igreja" em *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2020. Consultado em 20/07/2020 às 18:06. Disponível na Internet em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/medieval/p2.php>

<https://www.erealizacoes.com.br/blog/o-que-e-cristianismo/>>acesso em 20/07/2020